CISION
VISÃO
ID: 19178763
20-12-2007
Tiragem: 131180
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral
Pág: 144
Cores: Preto e Branco
Área: 20,53 x 27,50 cm²
Corte: 1 de 2

Rita e Francesco
Uma filóloga e um musicólogo que se tornaram escritores e historiadores

Dan Brown ou outros autores de *best-sellers* que lêem umas coisas e acham que se trata de romances históricos. Perdeu-se a noção de que a literatura dá trabalho», acusa Sorti. Pesquisa rigorosa, escrita ornamentada e descobertas históricas comprovadas é a trindade em que apostam. Não é em vão que são chamados de herdeiros do Umberto Eco, rótulo que não desdenham.

As 862 páginas bem escritas de *Secretum* defendem que o testamento de Carlos II, o último rei espanhol da dinastia dos Habsburgos, é uma falsificação. Os efeitos desta teoria implicaram o questionamento da legitimidade do actual rei de Espanha, pertencente à dinastia de Bourbon, que teria sido favorecida por aquela mistificação. Uma tese investigada pelos autores, através do recurso à análise grafológica

'Best-sellers'
Os dois primeiros volumes de uma saga monumental de sete livros que acompanha um espião do século XVIII, Atto Melani

Barroco 'deluxe'

Livros que questionam a verdade histórica é a especialidade arriscada deste casal italiano

POR **SÍLVIA SOUTO CUNHA**

'Não podendo falar para toda a terra, direi um segredo a um só ouvido», escreveu a poetisa Luiza Neto Jorge. Se um ouvido corresponde a um leitor, então essa fórmula foi seguida, e multiplicada, pelo casal Rita Monaldi, 41 anos, e Francesco Sorti, 43, quando escreveram os seus livros, ambientados nos séculos XVI e XVII, épocas essenciais para esculpir a Europa actual. O resultado da produção destes dois italianos provocou mais do que epifanias em quem os leu, causando também abalos que agitaram os meios académicos e literários. Depois de *Imprimatur*, o livro de estreia da dupla, foi agora lançado em Portugal *Secretum* (Bertrand Editora), segundo volume de uma série de sete. Este *thriller* histórico teve honras de tradução em 45 países e ocupou lugares cimeiros em *tops* de vendas, mas a semelhança com sucessos formatados finda aí. «Não somos como

do documento assinado por Carlos II e da verificação da influência do Vaticano na política europeia do século XVIII.
O enredo começa com uma faustosa festa, oferecida pelo cardeal Spada, para celebrar o casamento do sobrinho. A partir daí, desenrolam-se sucessivas lutas de poder, conspirações e paixões diversas, a que se acrescenta esta agradável peculiaridade: cada livro vem com um CD de música barroca, mencionada na trama. Em *Imprimatur*, ouvia-se Rossi, Lully e Kircher. Em *Secretum*, ouve-se Albicastro, Cavalli, Haendel e Corelli. Para o terceiro tomo, *Veritas*, reservam-se outras pérolas. Depois, haverá mais quatro volumes, com revelações históricas, em que se regressará ao passado do protagonista, Atto Melani. ►

FOTO: LUÍS BARRA

CISION
VISÃO
ID: 19178763
20-12-2007
Tiragem: 131180
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral
Pág: 146
Cores: Cor
Área: 20,12 x 25,60 cm²
Corte: 2 de 2

Alvos históricos
O apoio do Papa Inocêncio XI a um herege e a legitimidade da coroa do rei Juan Carlos de Espanha são questões levantadas pelos autores italianos

► Francesco Sorti descobriu o fascinante e complexo Atto, durante o processo de elaboração de uma tese sobre história da música barroca. «Quem era Atto Melani para o mundo académico? Um *castratto*, que só a musicologia conhecia. Mas a sua verdadeira vida era a política, a diplomacia, a espionagem, ao serviço do Rei Sol. O que é interessante é ver estas duas faces», diz. «Nunca encontrámos um personagem que tenha tido uma vida tão rica como a dele. Atto é uma figura importantíssima, acrescenta, em italiano *staccato*, a esposa.

A personagem foi uma descoberta perseguida. Primeiro, o casal encontrou dois ou três volumes da correspondência pessoal de Atto Melani, aqui e ali. Depois, em Florença, descobriu nove volumes reunidos numa biblioteca camarária, que tinham sido adquiridos há pouco tempo pelo Estado italiano a um antiquário. «Tínhamos *Secretum* terminado. Mas essa descoberta obrigou-nos a estudar o espólio, onde descobrimos imensas cartas dirigidas a Maria Mancini, e isso fez-nos reescrever todo o livro», conta Rita Monaldi. O maravilhamento estendeu-se aos laços de família: o filho do casal foi baptizado Atto, em homenagem à figura que tornou os pais num fenómeno literário.

É Atto que domina, igualmente, *Imprimatur*, cuja trama começa em Setembro de 1683, com uma morte no albergue Le Damoiseau, localizado no coração de Roma. Um *whodunnit*, tal como *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, e como quase todos os livros de Agatha Christie ou Conan Doyle – que os autores assumem como influências. Depois, como numa tragicomédia shakesperiana, sucedem-se os golpes palacianos. E Atto descobre um segredo: que o Papa Inocêncio XI enviou fortunas ao herege Guilherme de Orange para que este expulsasse de Inglaterra a dinastia católica dos Stuart, aliada do grande rival político do Sumo Pontífice: Luís XIV, o Rei Sol. *Imprimatur* resultou de dez anos de preparação para a construção de um edifício narrativo de personagens reais, acontecimentos verídicos, cenários e gestos fiéis à História. Tudo foi bebido nas imensas leituras em que estiveram imersos. A tese polémica foi obtida, por exemplo, através da consulta da correspondência da família Odescalchi, ligada ao Papa. Facto que gerou celeuma, tanto mais que Inocêncio XI foi beatificado em 1956 e, à altura da publicação de *Imprimatur*, o Vaticano preparava a sua canonização.

Onda de choque

Ambos os livros são uma cornucópia de informação que, generosa, se abre em todas as direcções: da gastronomia à astrologia, da arte à política, da música ao quotidiano. «Não inventámos nada, porque a época barroca ultrapassou largamente toda a fantasia. É um período histórico riquíssimo, em que o poder político não afectava o mundo da cultura, como hoje se verifica», defendem os autores. Oferecem o seu caso como exemplo. Tendo encontrado dificuldades em Itália, aquando do primeiro lançamento, tornaram-se exilados culturais: vivem em Viena, Áustria, e editam os livros noutros países. «Somos os únicos autores, num país democrático, que não são publicados na sua língua.» E discorrem sobre o silêncio dos editores e intelectuais italianos, das suspeitas de escutas telefónicas, de perseguições várias... «Outro efeito dos nossos livros é corrigir uma percepção histórica errada. Os italianos não são esses grandes cultivadores da cultura, são antes um povo desconfiado, pequeno e medroso», aponta Francesco.

«Queremos chegar ao leitor, não nos interessa a cátedra da Universidade, publicar ensaios, apesar do rigor que praticamos», afirma Monaldi. «Os leitores precisam de uma garantia de que aquilo que dizemos é verdadeiro, e não se trata de uma construção para nos exibirmos. Através da pesquisa e da bibliografia que acompanha os livros, podem ir às bibliotecas e verificar se o que escrevemos é verdade ou não», afiança. Uma parceria feita, rigorosamente, a quatro mãos: «Não há um parágrafo escrito apenas por um de nós», afiança Francesco Sorti.

Apesar do sucesso, o mundo permanece à distância do casal. «Vivemos sem televisão e sem *gadgets*, rodeados de livros eruditos e de música barroca, numa casa isolada, com telefone e Internet e acompanhados pelos nossos filhos, Teodora e Atto. Não nos sentimos atraídos pelo mundo actual.» Mas os leitores esperam completar a colecção de sete livros cujos títulos hão-de compor uma frase em latim: «*Imprimatur secretum, veritas mysterium. Unicum...*» O que, para já, quer dizer «ainda que o segredo seja revelado, a verdade permanece um mistério. Apenas resta...».

A caminho dos cinemas

A saga histórica construída por Rita Monaldi e Francesco Sorti, baseada em personagens e acontecimentos verídicos, vai ter uma adaptação cinematográfica, com **Ben Kigsley** no papel de Atto Melani. Serão sete filmes, num projecto dominado pela produtora Kasander, que assegura também as películas de Peter Greenway – outro amante da história barroca.